
LEIA NESTA EDIÇÃO

1 - Pausa para Reflexão; 2 - Dicas – sites interessantes; 3 - Dicas - sites interessantes; 4 - Comércio da Vida Silvestre: o Ético e o ilegal; 5 - VI Congresso Brasileiro e o II Congresso Latinoamericano de Agroecologia; 6 - PA: Sagri lança 8º Congresso de Apicultura e Meliponicultura; 7 - A importância das abelhas na produção de alimentos; 8 - Descoberto parasitismo social em espécie de abelha sem ferrão; 9 - Ambientalistas lançam livros sobre sustentabilidade em SP; 10 - Além do mel, polinização de várias culturas; 11 - Congresso reunirá os criadores de abelhas do Nordeste Brasileiro.

1 - Pausa para Reflexão

“Se queres viver muito, guardas um pouco de vinho velho e um velho amigo.” (Pitágoras)

2 - 3º Seminário Paranaense de Meliponicultura em Mandirituba

No dia 27 de novembro irá ocorrer pela primeira vez na cidade de Mandirituba o **3º Seminário Paranaense de Meliponicultura**. Esse evento é de âmbito estadual e se refere à criação racional de abelhas sem ferrão.

O nome Mandirituba, segundo historiadores, deriva dos indígenas e é formado pela união das palavras: Manduri (Abelha sem ferrão) e Tuba (Grande quantidade), resultando em “Grande quantidade de abelhas Manduri”.

O município caracteriza-se por ser essencialmente rural com predomínio de pequenos agricultores onde se destacam a produção de frango, milho, feijão, camomila, mandioquinha salsa, uva, ervas medicinais além da piscicultura. Têm seu território dentro da área de preservação dos mananciais e possui cerca de 60% de sua área com cobertura florestal, incluindo espécies nativas e exóticas. É neste contexto que o 3º Seminário Paranaense de Meliponicultura pretende difundir por meio de palestras, novas tecnologias e conhecimentos, tendo como principal objetivo a promoção da meliponicultura.

As inscrições já podem ser feitas pelo site www.mandirituba.pr.gov.br, lá você encontra o link para a inscrição do seminário e informações sobre a programação e o local do evento.

O município de Mandirituba, está situado na região metropolitana de Curitiba e abrigará o **3º Seminário Paranaense de meliponicultura**, na Pousada Recanto dos Lagos (www.recantodoslagos.com), na Estrada Gilberto Palú, Km 6 - Colônia Matos.

A programação já está no site da Prefeitura de Mandirituba (www.mandirituba.pr.gov.br) e mais informações podem ser obtidas com: Secretaria Municipal de Agricultura - fones/fax: (41) 3626-1401 e fone: (41) 3626-1784, com Marcos Antonio Dalla Costa (marcosdcmtda@yahoo.com.br).

Ficha de Inscrição: O sua inscrição poderá se feita antecipadamente, mediante o pagamento de R\$ 15,00 (quinze reais), através de depósito bancário em favor de Associação Brasileira de Amparo à Infância (ABAI) -

Banco do Brasil - Agencia 2266-7 - Conta Corrente nº 16.058-X (ABAI compra direta) e envio do comprovante de pagamento para: 0XX41-3626-1401 ou “Marcos Antonio Dalla Costa” <marcosdcmtda@yahoo.com.br>.

Serviço: Secretaria Municipal de Agricultura - fones/fax: (41) 3626-1401 e fone: (41) 3626-1784, com Marcos Antonio Dalla Costa (marcosdcmtda@yahoo.com.br).

3 - Dicas - sites interessantes

a - <http://www.brasilpnuma.org.br> - PNUMA é a sigla em português do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (em inglês, United Nations Environment Programme - UNEP). Sediado em Nairóbi, no Quênia, o programa foi criado pelas Nações Unidas em 1972, atendendo a proposta da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada naquele ano em Estocolmo, na Suécia.

O PNUMA tem como missão liderar e encorajar parcerias ambientais, inspirando, informando e preparando povos e nações para melhorar sua qualidade de vida sem prejudicar a das gerações futuras. O PNUMA objetiva equilibrar interesses nacionais e globais, buscando convergências em relação a problemas ambientais comuns. Como única instituição dentro do sistema das Nações Unidas que trata exclusivamente de assuntos ambientais, o PNUMA atua como catalisador de ações que estimulem a conscientização temática, trabalhando em conjunto com outras organizações, agências e programas do sistema das Nações Unidas, de modo a desenvolver atividades em benefício do meio ambiente, além de promover a interação de cientistas, políticos, líderes sociais e formadores de opinião em geral.

b - <http://www.renctas.org.br/pt/> - Quem somos - Fundada em 1999, a Renctas é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, que combate o tráfico de animais silvestres. Baseada em Brasília-DF, desenvolve suas ações em todo o Brasil, por meio de parcerias com a iniciativa privada, o poder público e o terceiro setor.

Visão - Consolidar-se como uma instituição eficiente e respeitada, motivando seus funcionários e colaboradores para a construção de um futuro sem ameaças às espécies silvestres.

Valores - Independência institucional e existência auto-sustentável. Valorização e respeito por seus profissionais. Ética em suas ações. Respeito a toda forma de vida.

Coordenador-Geral: Dener Giovanini - cgeral@renctas.org.br; Coordenador Executivo: Raulff Lima - rlima@renctas.org.br; Coordenadora Financeira: Cecília Fernandes – cecilia@renctas.org.br

4 - Comércio da Vida Silvestre: o Ético e o ilegal

Comércio da vida silvestre: o ético e o ilegal. A Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres (Renctas) completa, em 2009, 10 anos de atuação no combate a essa atividade criminosa que tantos danos causa a nossa biodiversidade. Nesse período acumulamos experiência e adotamos várias estratégias no sentido de obtermos êxito em nossos objetivos.

As vitórias foram maiores que as derrotas. Conseguimos lançar luz sobre um tema até então pouco falado e conhecido no Brasil. Mobilizamos a opinião pública com o apoio da imprensa e obtivemos grande sucesso diante da necessidade de construirmos uma política pública eficaz para enfrentar

esse problema. Foram quase 4 mil agentes públicos treinados em 17 workshops realizados no país, diversas publicações sobre o assunto e incontáveis ações destinadas a contribuir com a formação de uma nova consciência ambiental.

Hoje, percebemos que estamos diante da necessidade de uma nova forma de atuação. Não adianta mais nos repetirmos. O que precisava ser feito, o foi, com ousadia, determinação e seriedade. Hoje o Brasil sabe que o tráfico de animais existe e que o mesmo não é apenas uma maneira alternativa e inocente de um cidadão ganhar um dinheirinho extra. As CPIs das quais tivemos oportunidade de participar e contribuir constataram a abrangência dessa atividade ilícita e, principalmente, o nível altamente profissional das quadrilhas que atuam nesse ramo, muitas vezes associadas ao tráfico de armas e de drogas.

A necessidade de uma nova postura e atuação frente a esse crime ambiental origina-se, principalmente, no fato de precisarmos buscar uma alternativa eficiente que impacte diretamente na diminuição da demanda por parte da sociedade. A legislação ambiental precisa ser aprimorada e a repressão mais aparelhada, mas em essência, só isso não basta.

A diminuição da demanda passa necessariamente por duas discussões fundamentais: uma forte iniciativa educativa, no sentido de desestimular a compra, pela sociedade, de animais oriundos do comércio ilegal e, a mais polêmica: definir claramente o papel da criação comercial no combate ao tráfico de animais silvestres. Parte do movimento ambientalista não admite sequer debater a segunda alternativa. Alegam que o comércio legal é antiético por comercializar a vida, que gera lucros exorbitantes para os criadores e que os preços praticados no mercado legal – altíssimos – não afastam o consumidor do mercado ilegal.

Esses argumentos merecem respeito e, principalmente, reflexão. Porém, é necessária uma visão anticartesiana. Uma reflexão com base em fatos e não apenas em paixões. A começar devemos – sempre importante – lembrar que vivemos numa democracia, onde existem leis que nos garantem o respeito às diferenças. E a lei, nesse caso, garante ao cidadão o direito de possuir um animal silvestre de forma legal, oriundo de um criadouro devidamente credenciado pelo Ibama.

Os tais lucros exorbitantes dos criadouros, que agem dentro da lei, não parecem corresponder à realidade, uma vez que o investimento numa criação comercial é uma atividade bastante onerosa, o que explica, em parte, o alto preço de venda desses animais. E o mercado consumidor, apesar de ser imenso, na prática ainda é tímido. A burocracia brasileira ainda emperra o crescimento do setor.

Quanto ao "comércio de vidas" é um argumento baseado em convicções pessoais, para o qual não existe a possibilidade de debate. E em conflitos que envolvem moral e ética invoca-se o respeito à diferença, ou seja, a aplicação da lei. Se a lei existe, certa ou errada, deve ser cumprida e, neste caso específico, a nossa legislação, como já dito, permite o comércio da fauna silvestre. Assim como permite o comércio de outros tipos de vida, como a madeira, o frango, o boi e o escargot. Cabe a cada um apenas aplicar a sua consciência pessoal no momento de optar pela aquisição ou não de um animal silvestre oriundo de criadouro. Aos que discordam, cabe apelar ao parlamento para que a lei seja mudada.

O Brasil não irá avançar no combate ao tráfico de animais silvestres – e num plano geral, na conservação da biodiversidade - enquanto não adotar uma posição clara e objetiva sobre a criação comercial. É necessário que se tenha coragem política para assumir uma postura definitiva, mesmo que seja uma decisão que desagrade os gregos ou os troianos. A falta de transparência só favorece àqueles que se alimentam da obscuridade.

A Renctas está disposta ao debate público. Mas que seja um debate que se concentre em soluções democráticas para o país, e não apenas em interesses setoriais de ambientalistas ou de criadores. Não se trata de discutir se permite-se ou não a criação comercial - isso a lei já definiu - mas é necessário que o governo estabeleça quais serão as regras a serem seguidas e quais os seus planos para uma fiscalização eficiente do setor, que expurgue desse meio aqueles que só querem uma fachada legal para enriquecer às custas da ilicitude. Hoje, quem se dedica a criação de fauna silvestre no Brasil com o objetivo de realizar um trabalho honesto, correto e dentro da lei, sejam criadouros comerciais, conservacionistas ou científicos, serão os primeiros aliados do governo na implementação de uma ação mais rígida na fiscalização.

E, se de fato, o governo federal quer alçar a criação comercial da fauna silvestre numa alternativa ao comércio ilegal, deverá obrigatoriamente implementar, através do BNDES, uma linha de crédito para financiar o setor e criar as condições necessárias para que os preços praticados no mercado sejam mais acessíveis ao consumidor. Esse é o desafio para os próximos 10 anos da Renctas: ajudar a construir um país de verdade, onde o faz-de-conta perca espaço para ações corajosas e inovadoras na busca de soluções que a mantenham sempre no caminho da sua missão contribuir para a conservação da nossa rica biodiversidade.

Dener Giovanini é fundador e atual Coordenador Geral da Renctas - www.renctas.org.br

Fonte: Artigo publicado originalmente no Jornal do Brasil / JB Online - em 04/03/2009

5 - VI Congresso Brasileiro e o II Congresso Latinoamericano de Agroecologia

O VI Congresso Brasileiro e o II Congresso Latinoamericano de Agroecologia acontecerão no período de 9 a 12 de novembro de 2009, em Curitiba/Paraná - Brasil. Estes eventos, promovidos pela Associação Brasileira de Agroecologia-ABA e pela Sociedade Latinoamericana de Agroecologia-SOCLA, serão organizados e realizados pelo Governo do Estado do Paraná com apoio de diversas entidades da sociedade civil.

O objetivo de tal realização está focado na promoção dos princípios da Agroecologia a partir do intercâmbio dos saberes técnico, científico e popular dos atores e entidades participantes, com vistas a construir e consolidar uma ampla rede de articulação na América Latina em torno de questões fundamentais do desenvolvimento rural, notadamente aquelas que mais afligem a agricultura familiar. Com base nessa premissa e adotando-se uma perspectiva histórica, o tema central dos congressos será: " Agricultura Familiar e Camponesa: experiências passadas e presentes construindo um futuro sustentável".

Veja mais no site: <http://www.agroecologia2009.org.br> !

Oficinas - No **VI Congresso Brasileiro e II Latinoamericano de Agroecologia** serão oferecidas 12 Oficinas, com 100 vagas por oficina. A participação é gratuita e a escolha das Oficinas é livre, podendo selecionar a Sala no momento da realização das Oficinas, no próprio local do evento.

As Oficinas serão atividades paralelas e simultâneas, incorporadas na programação do Congresso, realizadas nos dias 10 e 11 de novembro, das 14:00 às 16:00 horas, em salas devidamente identificadas. Comissão Organizadora fará a seleção das oficinas de acordo com critérios pré-estabelecidos e em consonância com os temas principais e programação dos Congressos.

Programa Oficial das Oficinas

- Dia: 10 de novembro de 2009 - Horário: 14 às 16 horas

SALA 1. Consumidores Agroecológicos: experiências de organização e comercialização; SALA 2. Aspectos teórico-práticos de avaliação de sustentabilidade de agroecossistemas de base familiar; SALA 3. Compreender para interpretar: um olhar agroecológico na realidade rural tendo como dispositivo as dinâmicas participativas; SALA 4. AGROFLORESTA Agroecológica: reinserindo a agricultura na dinâmica que gera e mantém a vida; SALA 5. Homeopatia

- Data: 11 de novembro - Horário: 14 às 16 horas

SALA 1. Sistema de criação de abelhas sem ferrão no contexto agroecológico

Marina Siqueira de Castro – Coordenadora – (LABE/EBDA/UEFS/INAGEA); Equipe de apresentação: Amia Spineli – UniJorge, EBDA; Camila Nunes – INAGEA, UEFS, EBDA; Felipe Nunes – INAGEA, EBDA.

*Introdução à Meliponicultura: Criação, manejo e conservação das abelhas sem ferrão; Importância ecológica e econômica; Conceituação e distribuição geográfica das abelhas sem ferrão; Gêneros da tribo Meliponini; Estrutura da colônia: o ninho; as castas (operária - macho e rainha); Recursos florais: disponibilidade e qualidade; Hábitos de nidificação - estratégias para conseguir e manter um ninho; Colméias racionais e rústicas: vantagens e desvantagens; Técnicas de manejo e sustentabilidade; Inimigos naturais e proteções.

*Atividades Práticas: Abertura de uma colônia de abelha sem ferrão com o objetivo de mostrar o ninho, reconhecer as castas, discutir e mostrar sobre técnicas de manejo.

SALA 2. Educação, Sementes, Agroecologia e Soberania Alimentar; SALA 3. Aptidão Ecológica Solos; SALA 4. Por uma agenda que valorize o papel das mulheres na Agroecologia; SALA 5. A luta contra os Agrotóxicos.; SALA 6. Programa de fortalecimento da agricultura de base agroecológica – a experiência do “Cultivando Água Boa”

6 - PA: Sagri lança 8º Congresso de Apicultura e Meliponicultura

Belém/PA - A Secretaria de Estado de Agricultura (Sagri) e a Federação de Apicultores do Estado (Fapic) lançam o 8º Congresso de Apicultura e Meliponicultura do Pará, amanhã (14). O lançamento estadual, que acontece no auditório da Sagri, a partir das 9 horas, e reunirá toda a cadeia produtiva apícola, é o maior fórum de discussões e debates do setor na Amazônia.

O congresso tem o objetivo de fomentar o crescimento da cadeia, difundir entidades e empresas, articular e implementar projetos estruturantes e fortalecer o sistema associativo apícola brasileiro. O Pará é o primeiro estado da Amazônia em produção de mel. Produziu, no ano passado, 1.100 toneladas. 95% da produção paraense vêm da agricultura familiar, a cadeia oferece por volta de 9 mil empregos diretos e indiretos.

Produzido exclusivamente pelo néctar das flores, o mel do Pará pode variar de cor, sabor e densidade, dependendo da região, o que não altera a qualidade. Alimento rico em carboidrato, o mel é uma das atividades que oferece maior lucratividade, cerca de 50% da produção. "Somos o estado com maior potencial na cadeia do Brasil, exploramos somente 5% do potencial natural do estado",

disse Gerson de Moraes, presidente da Fapic. Hoje o Pará tem como principal mercado para o mel o mercado nacional, mas a produção do estado já começará a ser exportada até o próximo mês para o Oriente Médio.

Fonte: Página Rural - RS - Notícias - 13/10/2009 - <http://miti.com.br/ce2//?a=noticia&nv=R0PyYv0X9EkNY34mpVdiPg>

7 - A importância das abelhas na produção de alimentos

Patrícia Maria Drumond - Bióloga, D.Sc.Pesquisadora da Embrapa Acre - patricia@cpafac.embrapa.br - De acordo com o último levantamento publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os principais alimentos produzidos no Estado do Acre, em 2007, foram mandioca, banana, milho, cana-de-açúcar, arroz, castanha-do-brasil, feijão, melancia, abacaxi, mamão, açaí, café e frutas cítricas como laranja, tangerina e limão.

A bananeira, a mandioca, a cana-de-açúcar e o abacaxi são multiplicados vegetativamente (por meio do plantio de partes da planta), ou seja, a sua propagação não depende do processo conhecido como polinização, responsável pela formação de sementes e frutos em inúmeras culturas.

Em linhas gerais, polinização é a transferência de grãos de pólen do órgão reprodutor masculino para o órgão reprodutor feminino da flor. Essa transferência pode ser feita pelo vento, pela água e pelos animais. As estimativas indicam que, pelo menos, 35% de todo alimento produzido no mundo depende do processo de transferência de pólen realizado pelos animais e que as abelhas sejam as responsáveis pela polinização de 90% das plantas com flores.

No caso do milho, do arroz e do feijão essa transferência é realizada, predominantemente, pelo vento. Há indicativos, no entanto, de que a polinização no feijão seja mais eficiente, quando há abelhas visitando as flores. Outro caso interessante é o do café. Quando cultivado próximo a áreas de mata, observa-se um ganho na produção de grãos de 15%, aproximadamente. Este aumento é atribuído aos serviços prestados pelos polinizadores como as abelhas *Apis mellifera* (conhecidas, popularmente, como abelhas africanizadas, italianas ou europeias).

Há ainda poucos estudos sobre a polinização da castanheira-do-brasil. As principais polinizadoras parecem ser as abelhas da subtribo Euglossina (conhecidas como abelhas das orquídeas) e as mamangavas-de-toco ou mamangavas-de-pau-podre (abelhas do gênero *Xylocopa*), abelhas grandes e vigorosas, que podem voar distâncias acima de 10 km. As mamangavas-de-toco são apontadas, também, como polinizadoras de outras culturas agrícolas com potencial de expansão no Acre como o urucum e o maracujá.

Muitos experimentos relacionados com a polinização de frutas cítricas comprovam o aumento na produção quando as abelhas africanizadas estão presentes. Os frutos cujas flores são visitadas pelas abelhas são geralmente mais pesados e menos ácidos, apesar de terem maior número de sementes por gomo. As abelhas africanizadas e as abelhas-sem-ferrão são, também, as principais polinizadoras das melancias. Com relação ao mamoeiro cultivado, estudos recentes demonstram que a polinização é realizada por mariposas, comumente denominadas de bruxas ou esfingídeos. Já o açaizeiro é polinizado por uma grande quantidade de insetos pequenos (3-12 mm).

Dentre estes, destacam-se as abelhas da família Halictidae (as quais apresentam brilho metálico verde, azul, avermelhado ou mesmo negro), que demonstraram ser as mais eficientes nos estudos realizados pela Embrapa Amazônia Oriental no Estado do Pará. Outro grupo importante na

polinização do açaizeiro são as **abelhas-sem-ferrão**. Algumas espécies de abelhas destacam-se, ainda, na polinização da abóbora, berinjela, melão, morango, tomate e pimentão cultivados em casas de vegetação ou estufas, permitindo a produção de olerícolas durante o ano inteiro.

Vale destacar que, além dos serviços de polinização, as abelhas africanizadas e as abelhas-sem-ferrão produzem mel, um alimento rico em energia, que vem assumindo papel fundamental na geração de renda no meio rural. Assim, em função da importância desses insetos, a Embrapa Acre iniciou, recentemente, estudos voltados à polinização de espécies de interesse agrícola, além de implementar um programa de capacitação na atividade de criação das abelhas-sem-ferrão e das abelhas africanizadas.

A criação dessas abelhas, quando associada a outras ações como a manutenção da vegetação nativa na área de entorno dos plantios e a adoção de práticas que reduzam ou substituam o emprego de produtos químicos, considerados, atualmente, uma das principais causas do declínio das populações das abelhas, representa uma estratégia eficaz na conservação desses polinizadores, contribuindo para que a agricultura brasileira se fortaleça ainda mais do ponto de vista ambiental, social e econômico.

Fonte: Página 20 - AC - Crônicas - 17/10/2009 - <http://miti.com.br/ce2//?a=noticia&nv=fMO4IddMtPgNY34mpVdiPg>

8 - Descoberto parasitismo social em espécie de abelha sem ferrão

Por Rodrigo Martins - rodrigo.barros.martins@usp.br - Publicado em 20/outubro/2009 - Editoria : Ciências

Em cada período de sua curta vida uma abelha-operária comum passa pelo chamado “polietismo etário”, ou seja, ela exerce por um determinado tempo uma tarefa específica na colméia, desde sua fase reprodutora, passando pelos períodos em que sai da colméia para recolher néctar e pólen.

No entanto, a pesquisadora Denise de Araujo Alves do Instituto de Biociências (IB) da USP, em colaboração com o doutor Tom Wenseleers da Universidade de Leuven na Bélgica, descobriu que algumas abelhas da espécie *Melipona scutellaris*, também conhecida como uruçú, não participam desse processo, permanecendo a vida toda da colônia, colocando seus ovos nas células de cria dentro do favo.

A pesquisa também mostrou que as abelhas exclusivamente reprodutivas tinham uma idade de aproximadamente 110 dias, o que não é comum para a espécie, que costuma viver por cerca de 31 dias. “Nós acreditamos que elas passaram a vida toda se reproduzindo e sem passar para atividades mais arriscadas”, explica a pesquisadora. Ela comenta ainda que se essas abelhas tivessem saído da colméia para, por exemplo, buscar alimento, elas provavelmente teriam uma vida mais curta, já que essa é considerada uma atividade de alto risco.

A reprodução das abelhas obedece a um princípio chamado partenogênese, onde os óvulos fecundados produzem fêmeas e os ovos não-fecundados produzem machos. As *Melipona scutellaris*, abelha sem ferrão encontrada nos trechos de Mata Atlântica do Nordeste brasileiro, também são capazes de produzir ovos, contudo, como elas não podem ser fecundadas, todos os seus filhotes nascem machos. A abelha-rainha é a única que tem a capacidade de produzir descendentes dos dois sexos, as fêmeas, que se tornam operárias ou rainhas, e os machos, conhecidos popularmente como zangões, estes também pelo processo de partenogênese.

Parasitismo social - Contudo, o que é mais curioso no caso das abelhas que permanecem se reproduzindo pela vida toda é que elas privilegiam os seus filhotes em detrimento dos da rainha. Cada célula de cria no favo é construída pelas abelhas para que a rainha deposite um ovo. Lá é disponibilizado alimento para que a larva se desenvolva até se tornar uma abelha. O problema é que as abelhas-reprodutoras também depositam seu ovo e fecham a célula para que seu filhote desenvolva.

Dessa maneira, o trabalho realizado pelas abelhas-operárias visando o desenvolvimento dos filhotes da rainha é apropriado pela abelha-reprodutora. “Se as operárias começam a por ovos, elas deixam de trabalhar dentro da colônia e começam a se reproduzir de forma egoísta e entram em conflito com a rainha, pois ela que é a reprodutora da colméia.”

A pesquisadora entende que o mais relevante dessa descoberta é que mesmo com a morte de uma rainha e a chegada de outra, as abelhas-reprodutoras continuam vivendo em razão própria. “Acreditávamos que assim que uma nova rainha se estabelecesse, as abelhas-reprodutoras descendentes dessa nova rainha é que poriam os ovos, e isso não foi exatamente o que aconteceu. O que se viu é que as abelhas ligadas a rainha anterior continuavam na colônia pondo os ovos, o que chamamos de parasitismo social,” esclarece a bióloga.

Denise acredita que essa reação esteja ligada às relações de parentesco entre as abelhas. “Para elas (as operárias-reprodutivas) é muito melhor criar o seu próprio filho do que ficar criando, no caso dessas abelhas que ultrapassam gerações, o filho da sua sobrinha, o seu sobrinho-neto.”

Prevalência da geração anterior - A pesquisa faz parte da tese de doutorado da bióloga, desenvolvida no Laboratório de Abelhas do Departamento de Ecologia do IB. O estudo, que é mais amplo que as evidências encontradas, está voltado para a análise da produção de abelhas sexuadas em pequenas populações de *Melipona scutellaris*, mais especificamente uma população na sua zona de ocorrência natural, em Igarassu, Pernambuco, e duas populações isoladas no estado de São Paulo. Por abelhas sexuadas entenda-se os machos e a rainha de cada colméia.

Justamente por analisar os machos dentro da colméia, Denise quis descobrir qual era a quantidade de zangões que não eram filhos da rainha. Em uma parceria com a Universidade de Leuven, ela analisou geneticamente os machos para saber qual era sua ascendência. Dos zangões analisados cerca de 23% não descendiam da rainha, mas sim das abelhas-reprodutoras. E dentro desse grupo 80% eram filhos das abelhas ligadas à rainha anterior. O que pode demonstrar que a relação de parentesco é um fator importante para o parasitismo social entre as abelhas.

Para a pesquisadora, o parasitismo não chega a prejudicar o funcionamento da colméia. Das cerca de 3 mil abelhas que chegam a habitar simultaneamente uma colméia, as abelhas-reprodutoras chegam a apenas 4% do total (de acordo com estudo realizado em outra espécie de abelha sem ferrão). “É uma fração tão pequena de abelhas que faz isso, que não causa nenhum dano à colônia.”

Mais informações: (11)3091-7533, no Laboratório de Abelhas do IB, email daalves@ib.usp.br, com a pesquisadora Denise de Araujo Alves.

Fonte: <http://www.usp.br/agen/?p=8815> - <http://miti.com.br/ce2//?a=noticia&nv=yk4qy-fDcNY34mpVdiPg> Agência USP de Notícias - SP - Ciências - 20/10/2009 -

9 - Ambientalistas lançam livros sobre sustentabilidade em SP

A noite desta segunda (19) teve lançamento de livro e palestra sobre sustentabilidade na Livraria Cultura, na Avenida Paulista, em São Paulo. Na palestra "**Abelhas Nativas e um Mel Segregado**", o diretor da Amigos da Terra - Amazônia Brasileira Roberto Smeraldi e o pesquisador Paulo Nogueira Neto explicaram as diferenças entre o mel das abelhas indígenas sem ferrão, produto genuinamente brasileiro, de outros tipos de mel, e o seu uso na culinária.

Ainda na Livraria Cultura aconteceu o lançamento do livro "Espiritismo e ecologia", do jornalista André Trigueiro. O livro identifica os muitos pontos em comum que existem entre o Espiritismo e a questão ambiental, que demandam uma nova percepção da realidade e da vida.

Além disso, Smeraldi autografou exemplares do seu livro recém lançado, "**O Novo Manual de Negócios Sustentáveis**". O livro aborda a importância da sustentabilidade na área financeira e nos negócios, e alerta para os principais desafios ambientais durante as próximas décadas.

Fonte: <http://miti.com.br/ce2//?a=noticia&nv=1UhrOSZMAUNY34mpVdiPg> - Carbono Brasil - SC – Reportagens CarbonoBrasil - 20/10/2009 -

10 - Além do mel, polinização de várias culturas

O Estado de S.Paulo - A primeira colônia de abelhas lambe-olhos que veio parar nas mãos do criador Antonio Carlos de Faria foi trazida por um fazendeiro que temia que elas fossem mortas numa queimada que atingiu parte da sua propriedade. Desde então, Faria tem dedicado especial atenção a essa espécie.

A explicação para o nome, segundo ele, é uma referência ao fato de que elas costumam "lamber" o suor dos olhos e de outras partes do corpo, em contato com o ser humano. "Elas foram descobertas na década de 1950 e só existiam em São Paulo", diz ele, que tem quatro colônias dessas abelhas. No caso dessa espécie, a produção de mel é ínfima e serve muito mais para a alimentação da própria colônia, não ultrapassando 300 mililitros/ano. O manejo é extremamente difícil. "Elas são muito pequenas e frágeis." Faria afirma que, infelizmente, já tem muita gente achando que é fácil ganhar dinheiro com a criação das nativas. "Tem gente fazendo loucura, tirando colônias e vendendo a R\$ 50."

No Maranhão - Entre as inúmeras iniciativas que se espalham pelo Brasil com vistas à criação de abelhas nativas como fonte de renda e desenvolvimento social, o projeto Abelhas Nativas, da Associação Maranhense para a Conservação da Natureza (Amavida), é um dos mais ativos e interessantes. O projeto, segundo o seu coordenador, prof. Murilo Sérgio Drummond, da Universidade Federal do Maranhão, abrange o nordeste do Estado e atende a 6 municípios e 19 comunidades. "São produtores da agricultura familiar", diz.

O projeto conta ainda com a parceria do Instituto Abelhas Nativas e apoio da Fundação Banco do Brasil, Suzano Papel e Celulose, Alumiar e do governo federal, entre outras instituições. No Estado, são contempladas 180 famílias e as espécies tiúba, urucu, jandaia e tubi são as mais comuns. "A apicultura é inexistente localmente e, considerando a grande diversidade de espécies e de colônias e a relação cultural que as comunidades têm com as abelhas nativas, essa atividade tem um papel preponderante no modo de vida local", resume o coordenador.

Um estudo realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus, aponta que as espécies de abelhas sem ferrão do Brasil estão desaparecendo num ritmo mais intenso do que

as matas. O problema é que as florestas dependem das abelhas para continuar a existir. A exploração de madeira, segundo o estudo, é uma das maiores inimigas das abelhas brasileiras, pois as madeiras buscam na floresta justamente as árvores maiores, em cujas cavidades vivem os enxames.

Fonte e Informações: Amavida, tel. (0-98) 3246-4485 - Veículo: O Estado de São Paulo - SP -
Editoria: Agrícola - Data: 21/10/2009

11 - Congresso reunirá os criadores de abelhas do Nordeste Brasileiro

A menos de 15 dias da realização do Congresso Nordestino de Apicultura e Meliponicultura (04 a 06 de novembro de 2009), Salvador está se preparando para receber os 1.500 Congressistas vindos dos nove estados nordestinos, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pará e Mato Grosso. Os trabalhos das comissões andam a todo vapor, e as reuniões levam a ações que objetivam preparar uma grande festa para os Produtores, Técnicos e Autoridades presentes.

O projeto APIS-Nordeste do SEBRAE lançou a proposta deste Congresso regional e bi-anual, que se propoe a dinamizar o grande potencial do Nordeste Brasileiro para as atividades da Apicultura e Meliponicultura, capazes de gerar milhares de postos de trabalho no campo, produzir toneladas de alimentos com propriedades medicinais, isentas de contaminação, e mais importante, levar a educação ambiental e alimentar aos produtores envolvidos, suas famílias e suas comunidades.

De cada estado nordestino esperam-se mais de cem Representantes das Associações e Cooperativas apícolas, que aproveitarão este momento para fortalecer a união e cooperação entre as entidades, levando a um fortalecimento institucional das Federações apícolas e da Confederação Brasileira de Apicultura - CBA. A mesma terá um Stand junto com a Federação Baiana e emitirá as Carteiras Nacionais de Apicultor - CNA, in loco, para os Produtores que preenchem os requisitos para tal.

O SEBRAE da Bahia já confirmou sete Ônibus, saindo das diversas Regiões do Estado, levando mais de 300 Criadores de Abelhas ao Congresso no Bahia OTHON Palace Hotel! Venha você, Apicultor, Meliponicultor, Estudante de Biologia, Agronomia, Ecologia, Técnico e Extensionista, Pesquisador, Professor ou simplesmente apaixonado pelas abelhinhas, tenham elas ferrão ou não, participar de nossa festa!

Acesse <http://www.apiculturanordeste.com.br>, informe-se sobre a programação técnica-científica e demais informações e faça a sua inscrição!

O Congresso Nordestino é uma co-realização FEBAMEL, FLOR NATIVA, SEAGRI e SEBRAE com apoio e patrocínio de UFRB, UESB, CAR, ADAB, EBDA, SUAF, BNB, BB, CODEVASF, MAPA e PETROBRAS.

Fonte: Blog da FEBAMEL - <http://febamel.zip.net> - Pedro Constam - pela Comissão Organizadora

<p>SEAB DERAL – DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL Editor Responsável: Roberto de Andrade Silva - andrades@pr.gov.br - fone: 0xx41-3313.4132 – fax: 3313.4031 - deral@seab.pr.gov.br - www.seab.pr.gov.br</p>
